

A Imigração Armênia no Brasil

Alessandra de Melo¹

Resumo: Com a vinda de diversos povos ao Brasil, cada qual contribuiu de várias formas para o crescimento do país, tanto na questão econômica quanto na política e cultural. Os armênios, etnia que iniciou sua imigração ao Brasil no final do século XIX, se encaixam nesse contexto. Sendo uma minoria étnica, procurou preservar seus laços culturais a princípio, contudo cedendo a influências a partir da terceira geração de seus descendentes. Já quanto à economia, os armênios influenciaram em boa parte na cidade de São Paulo a partir da década de 1920, principalmente no setor de calçados. O presente artigo se propõe a analisar e relatar a imigração armênia para São Paulo, a contribuição do imigrante para a cidade, a sua estruturação e dificuldades encontradas, bem como a sua questão cultural perante a sociedade em vigência no período contemporâneo, utilizando como base, fontes como a obra *Negócios & Famílias: Armênios em São Paulo* do autor Roberto Grün e a tese de doutorado *Os Sobreviventes do Genocídio: Imigração e Integração Armênia no Brasil – Um Estudo Introductório – (Das Origens à 1950)* do autor Hagop Kechichian. Ambos os autores são descendentes de armênios e dissertam sobre tal etnia no país, sendo que Kechichian destaca em sua tese a questão imigratória dos armênios e a sua instalação e dificuldades encontradas. Mesmo que Grün também relate sobre tais questões abordadas por Kechichian, o autor Roberto Grün destaca as relações culturais e sociais vividas na colônia armênia em São Paulo. Dessa forma, os autores se completam quanto a um levantamento de dados sobre a etnia, principalmente em referência a imigração e manutenção da colônia armênia, sendo assim possível um estudo a cerca de tais imigrantes tão pouco abordados em artigos no Brasil. Dessa abordagem, nota-se que tal etnia não se diferencia em muito de outras viventes no Brasil, por exemplo, na questão de matrimônio, onde havia o incentivo familiar ao casamento entre os jovens armênios, com intuito de fortalecer seus laços culturais na colônia, pois acreditavam que casando-se com indivíduos de outras etnias, isso enfraqueceria a cultura armênia. Além disso, o artigo esclarece algumas questões da estrutura da colônia quanto ao desenvolvimento de comércio e trabalho no setor de calçados, tanto dos armênios já estabelecidos no Brasil, quanto dos que chegavam ao país. Dentro dessa questão do trabalho, nota-se a semelhança com outras etnias, onde os pais levavam seus filhos com aproximadamente 10 anos de idade, para aprender a profissão desenvolvida pela família, para que com isso seus filhos continuassem no ramo de calçados, uma vez que este já era familiar aos armênios. Além de Grün e Kechichian, também foram utilizados nesse artigo, autores recentes que exploram a etnia dos armênios no Brasil, entre eles Antônio H. Campolina Martins, Heitor de Andrade C. Loureiro e Renata de Figueiredo Summa.

Palavras-chave: Armênia, Brasil, Imigração, Genocídio, São Paulo.

Introdução:

O povo armênio (de uma cultura milenar) sofreu sobre diversos opressores, e pode-se dizer, que o que mais marcou foi o massacre turco contra sua população. Com o advento do chamado Genocídio perpetrado pelos Jovens Turcos, grande parte da população sobrevivente procurou refúgio em vários países, como por exemplo a França, Síria, Líbano e inclusive o Brasil, ficando conhecido este episódio como Diáspora.

Assim, através da obra de Roberto Grün e Hagop Kechichian, ambos descendentes de armênios, poderemos compreender a sua entrada e estruturação no Brasil, principalmente na cidade de São Paulo, onde seria o destino da maioria de tais imigrantes. No Brasil, os armênios se dedicaram ao setor calçadista, têxtil e metalúrgico, influenciando em parte a economia da cidade. Os armênios, pela condição de minoria, acabavam por manter a sua identidade limitada dentro da colônia, nota-se isto, nos casamentos entre as famílias armênias, vindo a ter o casamento inter-étnico com a terceira geração de descendentes que estavam a mercê da influência da sociedade brasileira, adquirindo assim os costumes de fora da colônia.

Desenvolvimento:

A Armênia localiza-se no Cáucaso, entre a Turquia, Geórgia e o Azerbaijão. Possui uma população de aproximadamente 3.500.000 habitantes. Desde a antiguidade, a região era disputada por diversos povos, dentre eles, pode-se citar os Assírios, Persas e Medos. Esta região era ambicionada talvez pelo fato de ser uma rota de comércio com proximidade do mar negro ou até mesmo, pelos vales e planícies de terra produtiva.

Uma característica importante do povo armênio é a sua religião. Os armênios foram o primeiro povo a adotar o cristianismo, no ano de 301 d.C. aproximadamente, antes mesmo do imperador romano Constantino.

A história da Armênia é marcada por conflitos na antiguidade, mas também por um dos episódios mais aterrorizantes que aflige seu povo até hoje: O Genocídio. Vivendo em terras de seus antepassados, os armênios foram vítimas de diversos ataques do Império Turco Otomano. Como sendo uma minoria étnica e religiosa sob o poder do Império Turco, sua situação se tornou precária com a decadência do Império. “Assim, em fins do século XIX começa uma série de pogroms que tinham nos armênios um dos alvos principais que, em consequência desses infortúnios, começam a emigrar” (GRÜN, 1992, p. 16).

Contudo, um novo movimento surge, os Jovens Turcos, que “tinha como meta a modernização do Império e a coexistência de todos os povos residentes no território otomano” (LOUREIRO, 2007, p. 9).

A princípio os armênios viam nos Jovens Turcos uma esperança para o fim dos massacres que ocorreram no sultanato anterior. Entretanto, esse período de paz não duraria por muito tempo. Com os armênios em uma situação econômica favorável, ocasionou com que os turcos vissem nos armênios “uma ameaça ao seu crescimento e a sua hegemonia na região, além da questão racial e religiosa, também agravante nesta delicada questão” (LOUREIRO, 2007, p. 9).

Como cita Loureiro, além da questão econômica, outros elementos se associaram e desencadearam o genocídio, entre eles, o “Nacionalismo turco; Necessidade de conquistar as terras armênias; Aspirações a dominar o comércio e as fábricas controladas por armênios; divergências religiosas” (LOUREIRO, 2007, p. 10).

O governo turco pretendia exterminar a nação Armênia.

A ordem era o aniquilamento total, amplo e irrestrito dos infiéis através de deportações e de chacinas sucessivas a partir de 1895, com o Grande Massacre, passando pela

Carnificina Selvagem de Adana, comandada pelos Jovens Turcos traidores (1909), culminando no Genocídio Sistemático de 1915 (CAMPOLINA, 2007, p. 2).

Mesmo com evidências de que foi um genocídio, o governo turco ainda não admite os massacres, apesar disto, a própria ONU confirma ser um genocídio, segundo Summa “reconhecido como genocídio pela ONU, União Européia e 22 países” (SUMMA, 2007, p. 6).

A imigração Armênia começou no final do século XIX com o início das matanças, surgindo dessa forma, a Diáspora. Inúmeras pessoas se deslocavam para a Síria e Líbano em busca de paz e trabalho.

Contudo, também houve imigração para a América, inclusive para o Brasil, “os armênios que escolheram o Brasil devido as boas informações a seu respeito que ouviram entre os árabes” (KECHICHIAN, 2000, p. 31).

Segundo Grün, houve duas fases de imigração para o Brasil, “A primeira delas, bem pouco documentada, data do final do século passado, quando imigrantes tinham como alvo principal o trabalho nas obras dos portos do Rio de Janeiro e de Santos” (GRÜN, 1992, p. 19). Deve-se ressaltar que o século citado por Grün é o século XIX.

No entanto, Hagop Kechichian em sua tese de doutorado, nos trás mais informações a cerca desta primeira leva que adentrou no Brasil.

Os primeiros que chegaram ao Brasil são os imigrantes que, através do Uruguai, resolvem trabalhar, e que mascateando, entram no Rio Grande do Sul, onde alguns se estabelecem com lojas de comercio, enquanto ainda outros prosseguem a viagem em direção a capital de São Paulo. (KECHICHIAN, 2000, p. 23/24).

De acordo com Grün, os primeiros imigrantes vieram trabalhar em obras do Brasil, contudo, com o inicio dos massacres, eles também podem ser considerados refugiados de seu país, buscando um local onde pudessem viver em paz, no entanto, Kechichian nos diz que os primeiros imigrantes adentraram no Brasil pelo Rio grande do sul, se estabelecendo nesta localidade enquanto outros buscavam a capital de São Paulo.

Os imigrantes da primeira leva, com seu trabalho de comércio ambulante, conseguiram agregar grandes fortunas e instalar indústrias importantes para a época, como o *Lanificio Varam* e a *Gasparian & Fileppo*. “Essas famílias estiveram ligadas ao setor têxtil, possuindo grandes fábricas e lojas de tecidos, com fortunas acumuladas a partir da mascatagem” (GRÜN, 1992, p. 19).

A segunda fase de imigração Armênia ocorreu por volta de 1920, onde a maioria dos indivíduos eram sobreviventes dos massacres ocorridos com seu povo. Sem condição financeira, estes imigrantes eram acolhidos pelos seus antecessores da primeira leva, que já estavam estruturalmente estabelecidos no Brasil.

Eles foram recebidos pelos seus antecessores da primeira leva, que estavam formando organismos de ajuda aos recém-chegados [...] em torno da Igreja Apostólica, destacando-se o Conselho dos Quarenta, que reunia os principais integrantes da colônia engajados na ação comunitária na época. (GRÜN, 1992, p. 22).

Dentre esses organismos de ajuda, pode-se citar a Casa da Bóia na cidade de São Paulo. Sendo propriedade de Riskallah Jorge, descendente de armênios, a Casa da Bóia foi “O primeiro imóvel destinado a acomodação dos imigrantes daquela época” (GRÜN, 1992, p. 22), servindo de uma mini-hospedaria na parte superior do estabelecimento. Alem disto, a Casa da Bóia já demonstrava sua importância comercial na década de 1920.

Contudo, Kechichian também relata a hospedagem aos imigrantes:

A viagem ao Rio de Janeiro, durava em média 15 dias. Aqueles que desembarcavam naquela cidade, eram conduzidos para a Ilha das Cobras [...] permaneciam naquela cidade uns cinco dias na Imigração e mais três dias numa casa em construção que, acreditamos, que pertencia a uma família armênia, família Bogossian. Os recém

chegados neste local recebiam hospedagem – alimento, cama, etc. (KECHICHIAN, 2000, p. 32).

De acordo com Grün:

Os imigrantes considerados de “vocação urbana” eram instados a se fixar em Santana ou no Mercado, ocupando-se com a fabricação artesanal e o comércio de calçados, enquanto os considerados de “vocação rural” iam para Presidente Altino onde se dedicaram primeiramente à criação de gado leiteiro e a produção de iogurtes e coalhadas. (GRÜN, 1992, p. 23).

Com esta informação de Grün, notamos no discurso de Kechichian, a forma de ajuda aos armênios de “vocação rural”, onde 25 famílias armênias se dirigiram aos cafezais no interior de São Paulo.

Estas vinte e cinco famílias armênias, totalizando 106 pessoas, vieram para o interior de São Paulo, trabalhar nos cafezais, iludidas com faltas promessas de conforto e hospedagem, no entanto, após desembarcarem em Santos no dia 31/08/1925, no dia seguinte foram levadas para uma fazenda e logo foram obrigadas a trabalhar.

Tais famílias desconheciam a língua do país, hábitos e costumes, agregando tais fatores a má alimentação, exigiram ir para São Paulo. Com o supervisor permitindo sua partida, temendo o incentivo aos demais estrangeiros que ali estavam, os armênios sem receber ajuda financeira, venderam seus pertences para comprar a passagem de trem. No entanto “os que não conseguiram, ficaram abandonados na estação de trem, em condições precarríssimas de extrema miséria” (KECHICHIAN, 2000, p. 50).

Nota-se a influencia da Igreja Apostólica, não somente com a Casa da Bóia, mas também neste caso das 25 famílias armênias, onde ao ter conhecimento do ocorrido, “começou a organizar uma arrecadação que contou com a participação de todos. Em alguns dias, foi possível obter uma quantia equivalente a US\$ 275,00, dos quais US\$ 70,00 foram dedicados as despesas de passagem e transporte dos necessitados” (KECHICHIAN, 2000, p. 50).

Dentre os benfeitores, nota-se o nome de Rizkallah Jorge, que abrigou estes imigrantes, assim como Mikael Der Margossian e Hagop Demirdjian, entre outros voluntários.

Quanto ao armênio de “vocação urbana”, normalmente seu ramo de trabalho era o de calçados, têxtil ou metalúrgico, “A rua São Caetano [...] foi, durante a maior parte do século, a “rua das sapatarias”. Ali concentrava-se um núcleo de comerciantes armênios dedicados ao ramo” (GRÜN, 1992, p. 23). Com a maior concentração destes imigrantes em São Paulo, ali “encontravam-se aproximadamente 200 estabelecimentos comerciais e industriais por volta de 1936” (KECHICHIAN, 2000, p. 53).

Kechichian nos trás em sua obra, uma lista de estabelecimentos dos armênios na cidade, dentre eles, nota-se que há profissões de metalúrgicos, chapeleiros, barbeiros, alfaiates, comerciantes, dentistas, calçadistas, etc.

Destacando o ramo de calçados, “a maioria dos armênios estabelecidos no ramo em São Paulo opera em segmentos de “combate” – produtos de baixa qualidade e preço” (GRÜN, 1992, p. 40). A sua produção visava atender as classes mais baixas, com produtos mais baratos.

Na década de 1920, com um núcleo de fabricantes de calçados, desenvolveu-se uma rede de posições na indústria e no comércio, que iria influenciar na inserção do imigrante recém-chegado.

Este imigrante armênio empregava-se nas sapatarias de seus conterrâneos, onde como forma de pagamento, recebia moldes de coleções anteriores e matérias-primas rejeitadas. Desta forma, conseguia fabricar seus próprios calçados e comercializa-los.

Deve-se mencionar, que “em relação aos insumos [...] havia uma interessante conexão com a “Casa da Bóia”, [...] de propriedade da família Riskallah” (GRÜN, 1992, p. 48).

No entanto, conseguir estes moldes era uma barreira para entrar no ramo de negócios, contudo isto era facilitado pelos patrícios de sua etnia, onde com uma posição já facilitada por estar no ramo de calçados, emprestava créditos para que os recém-chegados adentrassem no mercado.

Uma vez chegado e instalado mais um armênio no ramo de calçados de São Paulo, ele ia à Igreja, era apresentado aos Riskallah e outros nomes bem estabelecidos e a partir daí recebia créditos em mercadorias para fixar-se ou aumentar seus negócios (GRÜN, 1992, p. 49).

Nota-se que o imigrante, recebia crédito do patrício, e com seu trabalho, o pagava. Contudo, os insumos para produção de seus calçados, eram comprados dos patrícios, o que se pode supor, que gere uma exploração dos próprios conterrâneos. Uma vez que, a produção produzida pelos armênios recém-chegados, era vendida ao próprio patrício.

Desta forma, Grün relata que:

Mais um armênio significava um aumento de mercado potencial para os produtos armênios já estabelecidos; o armênio (ainda) descapitalizado tinha possibilidade de gerar um ciclo de negócios (produção/venda/recebimento), para depois pagar pelos insumos ou produtos finais (GRÜN, 1992, p. 52).

No entanto, o indivíduo para receber o crédito precisava afirmar sua identidade de armênio.

Numa colônia pequena, onde o papel da Igreja é fundamental na vivência em comum, cria-se uma rede relativamente hierarquizada, na qual o trunfo inicial do armênio recém-chegado, desprovido de recursos materiais, só tinha valor no mercado de sapatos, à medida que a ajuda mútua era “dedicada”, uma espécie de adiantamento de capital apenas aplicável na confecção e venda dos sapatos. A especialização dos agentes das primeiras levas acabava criando uma massa crítica, onde o comportamento dos Riskallah era seguido em menor escala pelos armênios que iam se estabelecendo e prosperando (GRÜN, 1992, p. 55).

O armênio recém-chegado, deveria ser aprovado com as qualidades exigidas, como as do patrício, como um homem de família, trabalhador, de palavra.

Apesar disto, a imigração armênia ao Brasil não se deu sem embates. “Os problemas dos armênios “desterritorializados” pelos turcos estavam sendo considerados na mesma rubrica pelos órgãos da Liga das Nações, que então pressionavam o Brasil a aceitar imigrantes daquela condição” (GRÜN, 1992, p. 33).

Na assembléia constituinte de 1934, houve debates sobre a questão da política imigratória brasileira, onde deputados influenciados pelo cientificismo eugênico², tentavam impedir a continuidade da entrada de imigrantes japoneses para o Brasil, alegando que estas etnias “orientais-mongólicas” eram inassimiláveis. “A partir das demandas da Liga das Nações [...] armênios acabavam entrando no debate como *outros* exemplos negativos, considerados indivíduos de pouca contribuição potencial para o progresso do país” (GRÜN, 1992, p. 33-34).

Alegando que os armênios não teriam uma contribuição para o Brasil, vários deputados lutavam contra a entrada de tais imigrantes no país, apesar disto, nota-se que anos à frente a situação seria muito diferente da questão levantada por tais deputados. Os imigrantes armênios seriam quem iria influenciar diretamente em parte da economia da cidade de São Paulo.

“Os armênios são tidos e havidos como predominantes no comércio de calçados na cidade de São Paulo: “Atualmente, cerca de 50% do comércio varejista de calçados de São Paulo esta nas mãos de descendentes de armênios”, avalia um comerciante daquela etnia entrevistado pela Revista VEJA SP (3/10/90, p.25)” (GRÜN, 1992, p. 9).

Adentrando na reprodução de posições, entre as gerações de armênios no Brasil, inúmeros descendentes seguiram os passos profissionais de seus antecessores. “Numa turma de formandos do Ginásio da Igreja Apostólica em 1969 [...] mais da metade dos rapazes profissionalizou-se no ramo de calçados” (GRÜN, 1992, p. 60).

Os filhos de armênios, quando tinham aproximadamente 12 anos, passavam a ajudar seus pais nas lojas de calçados, desta forma, desde criança eram motivados a continuar no ramo de trabalho de seus familiares. Com isto havia uma continuidade não apenas ao negócio da família, mas também, como forma de manter os laços culturais da etnia.

Como sendo uma minoria no Brasil, os armênios buscaram manter sua estrutura cultural e de identidade. Fazendo menção ao conceito de identidade cultural notamos que, “a identidade cultural, que seria a partilha de uma mesma essência entre diferentes indivíduos” (SILVA, 2006, p. 203).

A maior produtora de identidade da colônia armênia, era a Igreja.

O papel central da Igreja na vida dos armênios é um traço que percorre toda sua Diáspora. [...] os armênios tinham, no seu corpo eclesial, a única instituição perene, capaz de zelar por suas tradições culturais e mesmo por sua língua. (GRÜN, 1992, p. 9).

A igreja desempenhou um papel importante na manutenção de identidade dos imigrantes armênios, não somente no setor de inclusão econômica (uma vez que era o padre da igreja que apresentava o recém-chegado ao patricio), mas também na educação das crianças armênias. Tanto a Igreja Apostólica, quanto a Igreja Católica, possuíam colégio anexo em suas dependências para a educação das crianças, o ensino do idioma armênio e da história de seu país.

Contudo as famílias também influenciavam na manutenção de sua identidade armênia, por exemplo, nos matrimônios.

Normalmente, um pai armênio, proprietário de uma firma de calçados, incentivava sua filha a se interessar e se casar com o seu ajudante, que também era armênio. Desta forma, havia uma continuidade da tradição, impedindo que seus laços culturais se perdessem, pois casando-se com alguém de fora da colônia, novos costumes e tradições iriam se vincular às tradições armênias, podendo enfraquece-las. Deve-se levar em conta, que o pai não iria “obrigar” seu filho(a) a se casar com alguém da colônia, esta questão fica clara em uma entrevista na obra de Grün.

“Se eu pego uma moça Armênia, eu sei que tem mais chances de dar certo o casamento: eu sei quem é a família, como foi a criação dela, que meu filho teve uma educação parecida [...] eu incentivo o menino, mas quem vai conhecer a moça e ver se gosta é ele...” (GRÜN, 1992, p. 78).

Entretanto, a manutenção desta identidade se vê ameaçada a partir da terceira geração de armênios. Os jovens armênios passam a ter mais contato com a sociedade brasileira em vigência e isto acaba por interferir na relação da colônia.

Com a entrada em universidades, os jovens passam a seguir outros ramos de trabalho, deixando a tradição do ramo de calçados para trás, fazendo com que esse ciclo perca a seiva. Todavia, acaba-se por criar um certo antiintelectualismo na colônia, visando a atração dos jovens para o trabalho dos calçados e menos enfoque aos diplomas.

Outro fator que atingiu a identidade armênia, foi o casamento inter-étnico. “Nas decisões sobre casamento, estão em jogo os quesitos mais diretamente associados à reprodução social e étnica” (GRÜN, 1992, p. 73).

Passando a ter maior contato com a classe alta do Brasil e estando mais expostos aos códigos da sociedade vigente, o incentivo ao casamento entre armênios, se tornou mais difícil. Os jovens passam a se casar com pessoas de fora da colônia. A universidade interfere nitidamente

neste contexto, por ser onde passam a maioria dos armênios “nesse novo “mercado”, as afinidades são encontradas a partir de critérios que remetem à sociabilidade mais geral das classes medias e altas da sociedade urbana paulista” (GRÜN, 1992, p. 76).

Quanto à questão cultural, que compete às autoridades religiosas a sua manutenção, ocorre uma perda de monopólio. Vemos isto com a abertura do curso de Língua e Civilização Armênia na Universidade de São Paulo, em 1963, onde a cultura leiga passa a ser concorrente com os religiosos armênios, pois a partir da abertura do curso, há mais uma opção de ensino da língua armênia, que antes era apenas ensinada pelos religiosos da colônia. Nota-se no discurso de Grün, que as autoridades religiosas tentam não reconhecer a concorrência cultural. “nossos informantes afirmam que ainda não tinham tido contato com nenhum desses profissionais e que as disciplinas que exigiam o conhecimento de armênio eram ministradas pelos religiosos” (GRÜN, 1992, p. 80).

Nota-se que na terceira geração há um certo nacionalismo brasileiro entre os descendentes de armênios, “somos brasileiros, na terceira geração, insistir na herança armênia é coisa de gente atrasada” (GRÜN, 1992, p. 81). Ao contrário da concepção dos primeiros imigrantes armênios que chegaram ao Brasil, que “Ostentam sem constrangimentos a condição de brasileiros de origem e de cultura armênia” (GRÜN, 1992, p. 36).

Contudo, o patriotismo pela Armênia não é deixado de lado, pode-se notar isto, nas diversas manifestações em diferentes países em prol do reconhecimento do genocídio armênio, por exemplo.

Considerações Finais:

Nota-se o quão importante a etnia dos armênios foi para o setor econômico de São Paulo, segundo Grün “cerca de 50% do comércio varejista de calçados de São Paulo esta nas mãos de descendentes armênios [...] Revista VEJA SP (3/10/90)” (GRÜN, 1992, p. 9).

Mesmo com vários problemas enfrentados pela etnia desde sua partida em direção a América, os armênios conseguiram se estabelecer no Brasil e ajudar no crescimento do país.

Por algum tempo, mantiveram sua cultura fechada a influências externas, mas com as próximas gerações de descendentes, afrouxaram os laços e receberam ligações da sociedade em vigência. Por mais que em determinados momentos de sua história no Brasil, os armênios pareceram rudes em tentar impedir as influências externas, tais atitudes foram as únicas encontradas no momento para manter sua cultura, já tão massacrada.

Ainda que sua história esteja marcada de atrocidades cometidas contra sua população, os armênios tiveram coragem de não desistir de sua liberdade, lembrando anualmente com passeatas, as um milhão e meio de vitimas que não tiveram a oportunidade de prosseguir suas vidas. “Mesmo que me acorrentam os pés, amarrem minhas mãos, tapem minha boca, meu coração gritará por liberdade”³.

E esta tão almejada liberdade, os armênios obtiveram no Brasil. Mesmo longe de sua terra natal, estes indivíduos adotaram o Brasil como sua segunda pátria e conseguiram viver com dignidade, a dignidade que lhes foi tirada o direito de ter no seu país de origem.

Contudo a minoria dos armênios em São Paulo ainda conta com pouquíssimas fontes de estudo, fator este que os faz serem “esquecidos” pela população brasileira e muitas vezes pelos próprios historiadores.

Referências Bibliográficas:

GRÜN, Roberto. *Negócios & Famílias: Armênios em São Paulo*. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.

KECHICHIAN, Hagop. *Os Sobreviventes do Genocídio: Imigração e Integração Armênia no Brasil – Um Estudo Introdutório – (Das Origens à 1950)*. Tese de doutorado. São Paulo, dezembro de 2000.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de Conceitos Históricos* / Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

Periódicos:

SUMMA, Renata de Figueiredo. Vozes armênias: Memórias de um genocídio. *Revista Ética e Filosofia Política* – Volume 10 – N° 1. Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Junho de 2007.

CAMPOLINA MARTINS, Antônio Henrique. O Genocídio da Primeira Nação Inteiramente Cristã. *Revista Ética e Filosofia Política* – Volume 10 – N° 1. Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Junho de 2007.

LOUREIRO, Heitor de Andrade Carvalho. Considerações Sobre a Abordagem da Mídia Brasileira ao Genocídio Armênio. *Revista Ética e Filosofia Política* – Volume 10 – N° 1. Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Junho de 2007.

Sites da Internet:

Racismo e teorias raciais no século XIX: Principais noções e balanço historiográfico. <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313> (último acesso: 17/11/2010).

¹ Acadêmica do 3° ano do Curso de História da UNIPAR, Campus Cascavel – PR, 2011. (p. 01)

² Como cita Giarola “A “*ciência eugênica*” tinha como pressuposto a idéia de que os caracteres mentais e, sobretudo, a inteligência eram hereditários ao mesmo título que os caracteres físicos” (GIAROLA, p. 8) (p. 5).

³ Inscrição no Memorial do Genocídio, na Praça Armênia, 1965 – SP. (p. 8).